

Código da Disciplina: FLS5977

Nome da Disciplina: (Con)fabulações Críticas em Antropologia Visual: Arquivos, Curadoria e Exposições

Docente responsável: Profa. Dra. Sylvia Caiuby Novaes

Pós-docs ministrantes: Dra. Fabiana Bruno e Dra. Tatiana Lotierzo

Nº de créditos: 04

Duração: 12 semanas

Período: 1º semestre de 2025

Dias da semana: Segunda-feira

Horário das aulas: A partir das 09h

Forma de oferecimento: Híbrida

Objetivos:

- Refletir sobre as contribuições da antropologia (do) visual e das formas; expressivas para o conhecimento e os processos de pesquisa envolvendo arquivos, imagens, exposições e curadorias, com ênfase na fotografia e no desenho;
- Experimentar a criação de artefatos, formulação de perguntas e problemas, categorias e métodos que permitam transitar entre fronteiras disciplinares, permitindo-se (con)fabular novos modos antropológicos de pesquisa com imagens;
- Tecer diálogos contemporâneos com as artes visuais e processos expositivos, em busca de uma ampliação das possibilidades de expor materiais relacionados a pesquisas etnográficas e suas grafias;
- Estabelecer parâmetros para mediações e outros desdobramentos que vislumbrem uma expansão pública das pesquisas em antropologia das formas expressivas e agentivas, inclusive para fora dos quadros da universidade;
- Problematizar diferentes grafias (desenhos, fotografias, pinturas, esculturas, gravuras, vídeos, infografia, escrita) em suas conexões e montagens como formas expressivas e agentivas e modos de conhecimento (“formas que pensam”, querem e agem) na antropologia.

Justificativa:

A reconhecida, urgente e importante ampliação da presença de conhecedores, pesquisadores, curadores e artistas indígenas e negros em espaços acadêmicos, artísticos, culturais, museais e de outros tipos abre novos potenciais para uma transformação das maneiras como se pensa, produz, circula e expõe conhecimentos, corpos, coisas, artefatos e imagens.

Entre os impactos profundos e efeitos imprevisíveis dessa mudança, o trabalho com arquivos de imagens, exposições e curadorias vem sendo instado a uma revisão de seus pressupostos convencionais e adotados como lugares possíveis para compartilhamento de experiências,

debates e conhecimentos plurais. A antropologia tem contribuições para esses processos, e esse curso propõe retomar algumas delas, notadamente, os trabalhos que abordam as maneiras de pensar e as relações entre modos de conhecimento, a criatividade, a antropologia visual e outras grafias.

As experimentações visuais – traduzidas nas formas expositivas como arranjos de imagens, peças visuais, montagens curatoriais de exposições –, e os usos de diferentes suportes serão problematizados como “formas que pensam” (Bateson; Aumont; Dubois; Godard; Samain) e “artefatos do pensamento” (Ingold; Guarín), capazes de traduzir e mostrar problemas de pesquisas na antropologia e nas ciências humanas. Elas também devem ser tomadas pelo que querem, fazem e deixam para as histórias futuras e imprevisíveis que ainda estão para ser contadas (p. ex. Peirce; Krenak; Campt; Mitchell; Taussig; Gell; Ingold).

A disciplina se situa como uma maneira de valorizar a importância dessas transformações, propondo retomadas heurísticas e (con)fabulatórias para fomentar a construção de algumas contribuições da antropologia para pensar os seguintes tópicos:

1. As concepções de arquivo, memória e imaginação;
2. As relações entre imagens, grafias e modos de conhecimento;
3. As discussões sobre as relações mediadas pela etnografia, exposições e o conceito de curadoria;
4. As questões entre grafias, exposições e outras produções na antropologia visual;
5. Os regimes de produção, circulação e exposição de imagens e grafias e a formulação de modos de conhecimento e criatividade.

Nesse sentido, a disciplina também é concebida como um laboratório de experimentação (“fabulação crítica” – Hartman – e [con]fabulação – Krenak) para pesquisas que tenham a intenção de incorporar ou intervir em acervos e documentos e propor curatorias e exposições não convencionais com a intenção de formular pensamentos sensíveis, debates e propor outros modos de conhecer. Valorizam-se métodos colaborativos e as atividades práticas.

Observação:

O curso não se propõe a ensinar métodos e técnicas curatoriais, mas oferecerá às pessoas inscritas noções fundamentais sobre as etapas e modos de realização de pesquisas, com vistas a desdobramentos expositivos, o que pressupõe formas de pesquisar, criar, selecionar e montar arranjos e outras combinações.

Conteúdo:

- Modos de conhecimento e modos de criatividade;
- (Con)fabulações entre a história, as estórias e a etnografia com arquivos;

- Antropografia, Grafias e Expografia;
- Performance dos arquivos/documentos;
- Práticas de cuidar e curar imagens para outras antropologias;
- Artefatos de pensamento e laboratórios de experimentação.

Método:

- Aulas expositivas, com discussão da bibliografia indicada e seminários de inscitos na disciplina;
- Aulas abertas com antropólogos e antropólogas, artistas e curadores: têm a intenção de trazer convidados que nos permitam ampliar horizontes e discutir temas fundamentais, como a violência antinegra e a questão indígena, por meio da interface com as formas expressivas, em linha com a bibliografia do curso;
- Aulas-ateliê, com laboratórios de experimentação: o curso visa oferecer um espaço para uma experiência formativa não-convencional em antropologia visual, com momentos pensados como um laboratório de criação de “artefatos de pensamento” ou “sentipensamento”;

As pessoas participantes serão incentivadas a mobilizar recursos e modos de conhecimento variados (instalações, textos criativos, explorações sensoriais, intervenções visuais com desenhos e fotografias, ou auditivas, entre outros) e realizar experimentos relacionados a questões de interesse antropológico. Os artefatos de pensamento e sentipensar serão parte de um projeto (teórico e prático) que as pessoas participantes da disciplina irão elaborar ao longo do curso.

Critérios de avaliação:

- Participação criativa e crítica nas aulas (ateliê): 40%;
- Apresentação de projetos – “artefatos do pensamento” (20%);
- Entrega de trabalho final (20%).

Os momentos de compartilhamento e discussão coletiva dos projetos elaborados na disciplina são fundamentais para os propósitos do curso.

Bibliografia:

ACHILLE, Mbembe. O poder do arquivo e seus limites. (traduzido por Camila Matos).

AIRD, Michal. “Growing Up with aborigenes” In: Photographie’s other histories. Durham: Duke University Press, 2020. Pp 23-39.

- AZOULAY, Ariella. História potencial. Desaprender o imperialismo. São Paulo: N- 1, 2024.
- Basso, Keith. (1996). Wisdom sits in places. Landscape and language among the Western Apache. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- Bruchac, Margaret M. (2005). "Earthshapers and Placemakers: Algonkian Indian Stories and the Landscape". In: Indigenous Archaeologies: Decolonizing Theory and Practice. C. Smith e H.M. Wobst (orgs). London: Routledge. 56-80.
- BRODY, Jennifer De Vere. Black Cat Fever: Manifestations of Manet's "Olympia". Theatre Journal, mar., 2001, Vol. 53, No. 1, p. 95-118.
- BRUNO, Fabiana. Potencialidades da experimentação com as grafias no fazer antropológico: imagens, palavras e montagens. Revista Tessituras 7 (2). 2019.
- BRUNO, Fabiana. "Arquivo e imagens: questões heurísticas e visuais ante à abertura do Arquivo Kamayurá de Etienne Samain". GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia, 4(1), 50-72, 2019, <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2019.153568>.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. 2021. "Por Uma sensibilização do olhar – sobre a importância da fotografia na formação do antropólogo". GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia 6 (1). São Paulo, Brasil: e-179923.
- CAMPT, Tina. Listening to Images: An Exercise in Counterintuition. In: Listening to Images. Durham: Duke University Press, 2017.
- CLIFFORD, James. "Museus como zonas de contato". In: Periódico Permanente. Nº 6. Tradução Alexandre Barbosa de Souza e Valquíria Prates, fev. 2016.
- CRUZ, Aline Torres Dias da. A casa e os altares. Etnográfica, vol. 24 (2), 2020, 351- 370.
- CUNHA, Olívia. 2005. Imagem transformada: o único e o múltiplo. Cordel Wiki.
- DELEUZE, Gilles. "Topologia: pensar de outra forma". Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2019.
- DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; RANGEL, Everton. Evocações da escravidão. Sobre sujeição e fuga em experiências negras. Horizontes Antropológicos, v. 28, n. 63, p. 39–69, maio 2022.
- FISHER, Michael J. What a line (drawing) might reveal: Hamid Nacify's caricatures. Iran Namag, v. 3, n. 3, 2018.
- FREIRE, Ralyanara. Bordamos para incidir: arpillera como expressão política de mulheres no Brasil e no Chile. In: Fotocronografias, Porto Alegre, v. 06, n. 11, 2020. FOSTER, Hal. "O artista como etnógrafo". In: O retorno do real. SP: Ubu Editora, 2017, p. 158-185.
- GLISSANT, Édouard. Transparência e opacidade. In: Poética da Relação. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- GOLDSTEIN, Ilana. Do "tempo dos sonhos" à galeria: arte aborígine australiana como espaço de diálogos e tensões interculturais. Tese de doutorado, Unicamp, 2012, cap. 3.

HARTMAN, Saidiya. Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Revista Eco-Pós, v. 23 n. 3 (2020): Crise, Feminismos e Comunicação.

INGOLD, Tim. Fazer - Antropologia, Arqueologia, Arte e Arquitetura. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022.

INGOLD, TIM. “Desenho fazendo a escrita”. In: Estar Vivo. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. 1a edição, São Paulo: Editora Vozes, 2015 (p. 259 a 324).
KILOMBA, Grada. Descolonizando o eu. In: Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KOFES, S. As grafias – traços, linhas, escrita, gráficos, desenhos - como perturbação no conhecimento antropológico. Revista De Antropologia Da UFSCar, 12(2), 2020, 12–26.

LOTIERZO, Tatiana. “A forma e seus princípios”. In: Contornos do Invisível. Racismo e estética na pintura brasileira. São Paulo: Edusp, 2023.

LOTIERZO, Tatiana. O desenho e seus tempos: limitiya, de Abel Rodríguez. MODOS: Revista de História da Arte, Campinas, SP, v. 8, n. 2, p. 360–401, 2024.

LE GUIN, Ursula K. A Ficção como cesta: uma teoria e outros textos. Lisboa: Dois dias Edições, 2022.

MCLEAN, Stuart. “Fake”. In: Fictionalizing anthropology: encounters and fabulations at the edges of the human. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

MOMBAÇA, Jota. A plantação cognitiva. MASP+Afterall 2020, Arte e Descolonização. Disponível em: <https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-QYyC0FPJZWoj7Xs8Dgp6.pdf>

POVINELLI, Elizabeth A. Downloading the Dreaming. In: Geontologies: a requiem to late liberalism. Durham: Duke University Press, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. Sociología de la Imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015. (trechos selecionados).

SANTOS, Antônio Bispo. A terra dá a terra quer. São Paulo. UBU. 2023.

SAMAIN, Etienne (org). Como Pensam as Imagens, Campinas: Editora Unicamp, 2012.

SANSI, Roger. The Anthropologist as Curator. Londres: Bloomsbury Academic, 2020.

SCHNEIDER, Arnd e Christopher WRIGHT (orgs). Contemporary art and anthropology. Oxford: Berg, 2006.

SILVA, Glicéria Jesus da. O voo do Manto e o Pouso do Manto: uma jornada pela memória Tupinambá. MODOS: Revista de História da Arte, Campinas, SP, v. 8, n. 2, p. 294–333, 2024.

STOLER, Ann Laura. Along the archival grain : epistemic anxieties and colonial common sense, 2009.

TAUSSIG, Michael. What do drawings want? Culture, Theory & Critique, v. 50, n. 2- 3, 2009, p. 263-274.

TAUSSIG, M., & Parreiras, C. (2022). Tom, o Naturalista. Sociedade e Cultura, 24. XAKRIABÁ, Edgar. Etnovisão. Um olhar indígena que atravessa a lente. Dissertação de Mestrado. UFMG. 2019.

WARBURG, Aby. Ritual da Serpente. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/viewFile/55315/35440>.

Obs: A bibliografia final, aula a aula, será indicada em programa detalhado.